

grupo pediu para completar os desenhos, exceto Joel, Luiz Carlos e João Antonio, que preferiram conversar sobre algum assunto.

A ambivalência sobre ^{a doença} visto ~~em~~ ^{de} aspectos positivos e negativos, assim como, os respectivos sentimentos em relação ao convívio com os companheiros da Clínica, foi um tema muito discutido. Pode perceber que Luiz Carlos, apesar de seus delírios, possuía bons insights e, portanto, consequentemente, indicação para um atendimento individual com satisfatórias possibilidades para um resultado exitoso.

Finalmente pudemos terminar com o relato individual de cada desenho, passando, logo em seguida, para a avaliação desta atividade.

Sonia Marie Pufave

5ª sessão - 27/04/82

Ameirimho, Luiz Carlos, Sebastião, João de Oliveira, Adelson, Carlos, Wanderlei, Antonio da Silva, Claudionor, João Antonio, Agostinho, Gentil, Seu Elzeu

A dificuldade de irmos para o campo, não só pela demora de aguardar para nos acompanharem, mas também, pela dificuldade de chamar os pacientes, dispênses por todos os locais do manicômio, nos fizeram eleger um representante do grupo. Através de uma votação,

Claudio Mor foi o vencedor. Pudemos apontar o significado e os requisitos necessários à função de representante. Foi uma discussão muito difícil e necessária, como a maioria dos temas, de muita estimulação individual a fim de que todos participassem. O paciente Carlos, respondia através do gesto com a cabeça. Muitas vezes percebia-se sua recusa em falar, denotando muita irritação quando insistíamos ou mesmo quando interpretava sua atitude frente ao grupo.

O desenho de José Carlos, o foguete e as associações sobre ele voltaram a ser debatidas. A ameaça da doença, feita proleção em cada elemento do grupo poderia servir de escudo protetor à ansiedade persecutória e depressiva.

"Himeirinho não sabe conversar, ele está doente. Eu não estou doente, tenho sete filhos para cuidar quando sair daqui" (Sebastião)

"Eu não estou doente, quem está é você" (Himeirinho)

Cada paciente pode relatar como se sentia enquanto Joel falava, Wanderlei saiu correndo, não mais voltando para o grupo.

"Eu me sinto mal, porque não recebo visitas" (Joel)

"Não estou bom para sair ainda" (José Carlos)

A abrangência da questão inicial (a dificuldade de lidar com a da doença) me fez trabalhar o splitting ali no grupo e rapidamente através do Joel e José Carlos, o sentimento de abandono pode ser a base.

Estar doente, se sentir doente, e o que

fozer para melhorar, bem como, o apego a doença, o não crescer e a dependência dos médicos e dos Técnicos (psicólogos) foram entidades.

Joel disse que seu desejo era de ficar em uma geladaria ou em um pedaço de gelo.

Jonis Faic P. F. ou e

6ª sessão

04/05/82

Mineirinho, Luis Carlos, João Antonio, João de Oliveira, Adélio, Carlos, Claudomir, Agostinho, Agostinho Gentil, Seu Olízeu.

A anormalidade dos vínculos familiares, os transtornos da comunicação impossibilitaram os pacientes de discriminar, saber realmente quem é quem. Assim, o confronto com o mundo interno e externo, é um trabalho muito trabalhado na medida que um paciente em seu discurso troque o companheiro por outro sujeito, produto de suas fantasias inconscientes.

Desta maneira esta sessão girou em torno desse assunto.

Luis Carlos cada vez que falava entrava num delírio e quando lhe apontei que ele não era tão louco assim e que ele mesmo sabia disso, voltava a falar de forma coerente. Foi interessante observar o quanto procurava se fazer de louco, buscou também, nos deixar loucos, confusos. Todas essas características foram apontadas e compreendidas por ele e pelo grupo.

Esta sessão; trabalhamos com a história de vida de cada um, onde todos, exceto Carlos, re-
lataram sua vida afetiva e profissional anterior.
Após cada relato individual estimulava os outros a
formular perguntas sobre o que havia sido discuti-
do, gerando, portanto, uma maior participa-
ção e condução do trabalho.

Jonis Marc A. Moura

4ª Sessão

23/04/82

Claudioenor, Pontinha, João Antônio, João de Oli-
veira, Joel, Agostinho Genil, Agostinho, Carlos, Seu
Elizeu, Mineirinho, Severino, ^{João} Carlos

Novamente a doença, sua negação e acei-
tação e o que fazer para melhorar, para crescer,
foi um tema muito questionado, principalmente
quando passaram para construção de histórias. Estas
muito regressivas, possuíam grande cunho oral
primitivo. Assim falavam:

"Coelho come capim (Agostinho), para alimentar
(Mineirinho), para ficar gordo (Pontinha), para ficar
forte (João), ficou vivo (João Antônio), procurou-se
(Claudioenor), tratou a ^{Pontinha} procriação (João Carlos), ^{meu}
me passa nada na cabeça, ele morava na casinha e foi
embora (Severino), saiu para pastar (Joel), disse dele
se ninguém coloca-lo para caca (Mineirinho), saiu
para comer (Pontinha), saiu ~~ff~~ casa (João), saiu
zêbar pela casa (João Antônio), ^{colheu de novo} para caca
(Claudioenor), coelho come abelha (João Carlos), ^{levar}

uma fervedura da abelha aqui neste dedo (Seu Blizeu), o coelho era cabeludo (Gentil) depois de comer sai para passear (Joel), matar coelho para comer e mal negócio (Mimurinho), coelho é muito gordo (Porrinho) (João Antonio), coelhinho come capim (Clau diomor), coelho acordou (Seu Carlos), era pintado (Agostinho), tem mais de uma cor (Agostinho gentil), ele cresce muito? (Joel).

O nível de realidade nos mostra o retorno ao tema do nascimento, o temor de crescer, de ser livre, autônomo, sujeito de seu próprio desejo.

82 Sessão

18/04/82

Agostinho gentil, João de Oliveira, João Antonio, Castelo, Joel, Carlos, Seu Carlos, Seu Blizeu, Claudiomor, Mimurinho, Paulo (guarda).

A presença do guarda foi bem aceita pelo grupo. Este teve uma ^{intensa} participação no jogo de construção de histórias. Observou-se depois, em sintonia com o Dr. Jaime Bisler, o guarda forma o casal parental, buscando levar o grupo a uma evolução, de ajudá-los com nossa participação e construção inicial da história passada. Assim começamos:

"O coelhinho sai de casa para a arca (Sonia) no caminho ele faz uma Toca, encontra uma coe-

lunch e se casa (Paulo, guarda), e vai para passear e
volta para almoçar (Agostinho), os dois vão fazer
(Buis Carlos), o coelho dorme na moda e a co-
elhinha (João Antonio), de manhã acorda, lava o rosto e
vai se alimentar outra vez (Joel), e vai cuidar de sua
barriga e ele se não tomar remédios para mal (Seu Elizeu,
ele tem de tomar remédios (João), ele está bem, goza
de boa saúde e ai não precisa tomar remédios (Agosti-
nho), ele precisa tomar remédios para não ranger
os dentes (Buis Carlos), o coelho está no curral, quan-
do vai deitar ele gosta de ligar o rádio (programa
de alimentação, para saber o que é bom) (Joel), o co-
elho vive com sua coelha no campo, mas se ele viver
no meio civilizado ele pode trabalhar (Seu Elizeu), ele
pode trabalhar e ajudar (João), ele vive numa fazen-
da e foram criados lá (Agostinho), o coelho se chama
na boca e a coelha febrezadine (Buis Carlos), ele vai
fazer uma viagem de um estado para o outro, estado do
Rio grande de São Paulo (João) e voltou cheio de presentes pa-
ra seus amigos (Joel), e voltou pobre, cheio de
dívidas porque gastou muito em São Paulo (Claudio-
doner), e teve de voltar ao trabalho (Castelo), por
falar com o patrão sobre o salário (João) está
trabalhando para pagar o que deve (Agostinho),
pagar o que deve é bom (Mineirinho), voltou a
trabalhar (Claudio doner), com muita esperança (Buis
Carlos), ele foi para o Ceará (João), quer morar
num apartamento bem legal (Joel), ele tem recursos
(Seu Elizeu)."

Foi trabalhada em comparação com a saúde
passada, a relação de desenvolvimento do bebê até chegar
na idade adulta. Haverá-lhe o quanto ^{mais tomar} remédios, significam

uma possibilidade de se desligar da doença e, portanto, de crescer. É importante ressaltar, que ao se questionar a identidade desse coelhinho, Joel levou o grupo a perceber que esse personagem representava eles próprios. "Este coelhinho sou eu".

A partir daí, perguntei-lhes o que poderiam fazer para deixar de ser "coelhinhos", ou melhor, bebês. Fizemos, paralelamente, a comparação da rotina diária do coelhinho com a deles. Apontei o nível de validade da experiência e todos falaram sobre o início de seu desenvolvimento. "O bebê quando nasce, come toda hora, como esse coelho, ele só pensa em comer". "A gente quando acorda fica pensando na hora do café, depois no almoço..."

A fim de crescer, de melhorar, de se livrar da doença, o grupo concluiu que o trabalho seria a maneira mais adequada. Perguntei-lhes quais dos pacientes possuíam alguma atividade ali no Manicômio e estes puderam delatá-las, dando importância à importância de suas tarefas. Após esse debate, os que não trabalhavam começaram a se interessar e, por exemplo, o Joel pediu um trabalho leve para realizar no Manicômio. Luis Carlos disse não gostar de trabalhar e João Antônio e João de Oliveira falaram que não sabiam o que fazer, pois não tinham aptidão para nada.

Procuramos descobrir sobre todas as atividades que estavam sendo executadas e, naturalmente, os pacientes foram se candidatando para as que mais lhe atraíram. Luis Carlos e João de Oliveira admitiram que no jornalzinho poderiam desenhar, os outros, preferiram as faxinas.

Esta sessão foi bastante rica e proveitosa.

Obs: No início da sessão foi apontado a presença de Maximino gentil, novo elemento participante do grupo.